

A RECEPÇÃO DE HOMERO NA ANTIGUIDADE

Lucas Augusto Borlina (PIBIC/CNPq/FA/Uem), Prof^a Dr^a Renata Lopes Biazotto Venturini (Orientadora), e-mail: rlbv65@gmail.com.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas/Maringá, PR.

Área e subárea do conhecimento: História Antiga e Medieval

Palavras-chave: Homero, recepção, antiguidade

Resumo:

Durante a antiguidade Homero foi um importante nome da Cultura Clássica. Esteve no centro de diversas disputas, e as obras a ele atribuídas suscitaram intermináveis debates. Mais do que o poeta autor da *Ilíada* e da *Odisseia*, entre os gregos antigos Homero foi referência de valores culturais: para Aristóteles foi autor de outros poemas como os *Cantos Cíprios* e a *Margites*, pai da comédia e da tragédia, educador, filósofo, geógrafo, historiador, e fonte de informações e conhecimento em diversas áreas como moral, zoologia e botânica; para Platão foi o corruptor da moral divina e da ideia de verdade, chegando a ser banido da cidade ideal platônica apresentada na *República*. Entre a apologia e a detração homérica, diversos autores se posicionaram, ora enaltecendo as suas qualidades, ora negando-as, de forma que, a cada momento histórico, é possível observar a emergência de um novo Homero. Diante da variada recepção homérica buscamos entender quais foram os diferentes retratos produzidos do poeta desde o século 7 a.C., quando os poemas começaram a circular, até o primeiro século, tempo em que viveu Estrabão, um importante intelectual greco-romano dentro da tradição homérica, para quem o poeta foi mentor intelectual instruído nas mais variadas áreas do saber.

Introdução

O objetivo da presente pesquisa foi entender como os antigos interpretaram a figura e a obra de Homero, pois o poeta foi referência para toda a Cultura Clássica: discutido por intelectuais como Platão e Aristóteles, ouvido por audiências em festivais, retomado como modelo do gênero épico por autores como Virgílio e Apolônio de Rodes, certamente os poemas homéricos ocuparam um espaço privilegiado no mundo grego.

Podemos traçar uma visão panorâmica do nosso recorte cronológico: não estabelecemos uma data para o início da tradição homérica, uma vez que, entre os

pesquisadores que defendem que o poeta não existiu, e que as obras a ele atribuídas são na verdade o resultado de uma longa tradição de poetas orais, profissionais e itinerantes conhecidos como *homeridai*, atribuíram a autoria de seus versos a um nome pan-helênico, Homero. Embora não fixemos uma data, sabemos que o poeta foi produto e produtor da cultura grega arcaica, e que muitos dos valores trazidos nas obras estiveram presentes na sociedade grega. Como ponto final da investigação, marcamos a obra de Estrabão, aproximadamente no ano 20 de nossa era, pois este foi um importante apologista de Homero.

Homero foi visto como autoridade: seus poemas eram cantados em festivais civis e religiosos por rapsodos e, de acordo com Marcel Detienne (2013), operavam como discurso com poder da verdade, uma vez que a imagem do poeta era ligada, logo no início com as Musas, invocadas nos primeiros versos para inspirar o aedo.

Mas além da recepção homérica a nível social e coletivo, na qual os poemas informavam valores, costumes e crenças a um vasto público, muitos pensadores antigos se preocuparam em discuti-lo. No século VI a.C., por exemplo, Xenófanes de Cólofon acusou os poemas homéricos de degradação moral das divindades. Na contramão destas críticas, o primeiro pensador a aparecer foi Theagenes de Regium, que argumentava em favor de que a leitura dos poemas homéricos haveria de ser feita por meio de um prisma alegórico: a *Theomachia*, isto é, a batalha entre os deuses, apresentada no Livro XX da *Ilíada* não seria propriamente uma verdadeira batalha entre as divindades em si, o que informaria na leitura de Xenófanes o desvio moral nos poemas, mas sim uma representação das forças opostas da natureza. A alegoria física de Theagenes tiraria de Homero as acusações de seus detratores influenciada pela racionalidade da nascente filosofia pré-socrática de Anaxágoras. Feita esta divisão entre detratores e defensores, a questão homérica permaneceria aberta por muito tempo. Na presente pesquisa, investigamos, a leitura de Aristóteles, dos *grammatikoi* alexandrinos, dos estoicos, de Eratóstenes e, por fim, a de Estrabão.

Materiais e métodos

Os materiais utilizados na pesquisa foram, principalmente, a produção científica pertinente ao tema, constituída de artigos científicos, livros e teses de doutoramento, mas também foram utilizadas algumas fontes históricas, como a *República* de Platão, a *Poética* de Aristóteles e a *Geografia* de Estrabão. Para a recepção homérica antes da fixação dos poemas, e durante o Helenismo e o período Alexandrino, as fontes históricas estão em estado fragmentário, o que nos levou a análise do material bibliográfico selecionado.

Como metodologia de pesquisa, escolhemos o *paradigma indiciário*, conforme apresentado pelo historiador italiano Carlo Ginzburg. Trata-se de um procedimento de investigação que encontra na fronteira entre o racional e o irracional da dedução

e intuição uma maneira de, a partir de indícios resultantes de um fenômeno, desvelar uma realidade que se apresenta de maneira opaca.

Embora amplamente operante nas ciências humanas – e também fora delas, uma vez que existem muitas áreas do saber, científicas ou não, de caráter indiciário –, este paradigma não foi teorizado. No máximo foi exposto, estudado e instrumentalizado. Isso porque escapa das amarras da abstração racionalista generalizante para se enquadrar em realidades objetivas nascidas da experiência.

Dado que o conhecimento histórico é necessariamente indireto, uma vez que o historiador raramente é espectador dos fenômenos que estuda, e mesmo quando é, jamais pode advogar ser ele um testemunho direto da totalidade da realidade em questão, pois entre ele e o conhecimento certamente se interpõe diferentes fontes, a produção deste tipo de conhecimento pressupõe que a pesquisa parte de uma realidade desconhecida que se apresenta mediante testemunhos históricos. Esses servem de indícios capazes de fornecer uma base de informações que podem ser conjecturadas pelo historiador para a produção de um conhecimento mais ou menos seguro acerca de seu objeto.

Para Ginzburg, “quando as causas não são reproduzíveis, só resta inferi-las a partir dos efeitos” (GINZBURG, 1989, p. 169). Assim, por meio de indícios que resultam de fenômenos passados, o *paradigma indiciário* é um método em que se busca conhecer o objeto de estudo da mesma forma que um detetive, por exemplo, tenta reconstruir a cena de um crime: fios de cabelo, manchas de sangue, digitais, enfim, indícios que carregam consigo a história deste crime, pois se “a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la” (GINZBURG, 1989, p. 177).

Resultados e Discussão

Entre Homero e o mundo grego existe uma relação dialógica: ao mesmo tempo que ele é um produto desta cultura, isto é, resultado de toda uma tradição oral que narra os mitos em forma de canto ele é, também, produtor desta cultura, pois sua autoridade o transformou em referência educacional e referência de valores morais, e deu início a uma disputa que cruzou séculos e que pode ser resumida pela questão: afinal, o que é Homero? Um sábio? Um poeta inspirado pelas musas? Apenas um hábil poeta sem qualquer compromisso com a verdade? Um charlatão que deturpa a imagem dos deuses?

Xenófanes de Cólofon e Platão entenderam que Homero foi um poeta que educou os gregos, mas que em seus versos se encontravam desvios morais e impiedade. No caso de Platão, ainda, via na poesia performada em público uma modalidade discursiva que não tinha compromisso com a melhor forma possível, mas sim com os ânimos dos ouvintes, associando os poetas aos sofistas.

Na contramão, Theagenes de Rhegium propôs que os poemas homéricos deveriam ser lidos como alegorias. Aristóteles, por sua vez, elogia a obra homérica em muitos

momentos. Para ele Homero é o poeta por excelência, precursor da tragédia e da comédia, além de ser usado como referência em retórica, e diversos outros assuntos da filosofia aristotélica, como a botânica, zoologia e geografia. Os herdeiros do pensamento aristotélico foram os intelectuais financiados pela dinastia ptolomaica em Alexandria, responsáveis não só pelo esforço de fixar um texto base, mas também por promover diversos estudos baseados nos escritos homéricos.

Com relação à postura de Eratostenes, sabemos por meio da *Geografia* de Estrabão: para ele a poesia não pode ser usada para fins educacionais, porque seu objetivo é entreter, enquanto que Estrabão pensava exatamente o oposto. Amparado no pensamento estoico, para ele a poesia era a forma adequada para a educação das crianças, e Homero um homem sábio: geógrafo, historiador, filósofo e melhor poeta.

Conclusões

Podemos concluir que a influência de Homero no mundo antigo foi central, e que a obra atingiu um estatuto de clássica ao se tornar fundamental a sua discussão e exegese por um vasto número de intelectuais.

Agradecimentos

Agradeço as instituições de fomento à pesquisa brasileira e paranaense que propiciam a oportunidade do envolvimento científico para graduandos, e à minha orientadora.

Referências

- DETIENNE, Marcel. **Mestres da verdade na Grécia Arcaica**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas, Sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GRAZIOSI, Barbara. **Inventig Homer: the early reception of the epic**. Cambridge University Press, 2002.
- MOST, Glenn. Homer in Greek Culture from the Archaic to the Hellenistic Period. In: MUTSCHLER (Ed). **The Homeric Epics and The Chinese Book of Songs**. Cambridge Scholars Publishing, 2018.
- WEST. M. L. The Invention of Homer. **The Classical Quarterly**. Vol 49, No, 2. Cambridge University Press, 1999.